

Sarney inaugura Panteão da Liberdade

Roque de Sá



Aparecido mostrou o Panteão aos Ministros da Marinha e do Exército e explicou os detalhes

“Aqui se guardará a história...”

José Aparecido

As curvas de concreto armado das formas de Niemeyer deram beleza e revolucionaram a engenharia brasileira.

Deus fez o fogo das estrelas, os átomos e as nebulosas, como disse Tristão de Athayde, acrescentando que, depois dos espaços sem limites, criou os homens, a fim de que marcassem o universo dos detalhes.

A arquitetura, sobretudo, ocupa-se dessa tarefa. Concebe os lugares do trabalho, do repouso, do amor e do culto.

Vinte e sete anos antes de Cristo, um grande construtor de pontes e aquedutos, Agripa, começou em Roma uma edificação dedicada a todos os deuses — o Panteão.

Adriano, imperador e arquiteto, passados 144 anos, retomou o projeto para erguer o mais surpreendente templo da antiguidade latina. Já a revolução francesa firmou o Panteão no culto da razão

republicana: a Igreja de Santa Genoveva consagrou-se pela legenda “Aos grandes homens, a Pátria reconhece”.

O presidente José Sarney disse, na Academia Brasileira de Letras, que nenhuma época é contemporânea de sua própria grandeza. Os homens e os acontecimentos só podem ser avaliados depois de assumidos pelo amadurecimento da História.

François Mitterrand, eleito Presidente, teve como primeiro gesto uma visita ao Panteão de Paris, onde depositou uma flor no túmulo de Jean Moulin, herói da Resistência.

Junto ao Congresso Nacional, ao Supremo Tribunal Federal e à Presidência da República, na sua visita a Brasília, Mitterrand lançou a pedra fundamental do Panteão da Pátria Brasileira.

O monumento completa a

Praça dos Três Poderes, com mais um projeto de Oscar Niemeyer.

A idéia do Panteão surgiu no Palácio do Planalto, diante do corpo do Presidente Tancredo Neves alçado pelos braços de jovens soldados do Exército Nacional. Em poucos meses, com o apoio decisivo do empresário Amador Aguiar, construímos a obra singular que se inaugura neste 07 de setembro para guardar, por todos os tempos, a nossa memória histórica.

Um belo vitral de Marianne Peretti e a arte do mural de Athos Bulcão completam o vigoroso painel de João Câmara sobre Tiradentes. O Tiradentes que antecipou a Nação anunciando-a pelos antigos caminhos de Minas Gerais, com palavras evocadas pelo Presidente da República, no chão inconfidente de Ouro Branco: “Se todos quisermos, poderemos fazer deste País uma grande Nação”.

O Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, será inaugurado hoje, às 13 horas, pelo presidente José Sarney e o governador José Aparecido de Oliveira como o símbolo da Nova República que se debruça sobre o Planalto Central. Após a bênção do bispo, D Agnelo Rossi e os discursos do presidente Sarney e D. Risoleta Neves, viúva do ex-presidente Tancredo Neves, o local será aberto ao público.

Com os seus 2.500 metros cúbicos de concreto armado, 2.490 metros quadrados de revestimento de mármore e mais de 2 mil pedaços de vidro colorido, o monumento é mais um centro de atração turística internacional aberto à visitação pública todos os dias. Os visitantes terão acesso ao seu interior através de uma passarela de concreto branco em frente à Praça dos Três Poderes, com sete metros de largura e 40 de comprimento.

Ao atravessar a passarela, o visitante entra direto no primeiro pavimento do panteão, onde há o painel “Inconfidência Mineira”, de João Câmara e vê, gravado no piso, os nomes dos heróis que lutaram pela liberdade e democracia no Brasil. No segundo pavimento ficam os painéis de Athos Bulcão e da artista plástica Marianne Perretti. A obra custou Cz\$ 20 milhões e foi repassada ao GDF pela Fundação Bradesco.

O grande pássaro que forma o conjunto arquitetônico projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, tem 180 metros quadrados de vitrais, uma inclinação de 31 graus de piso, três pavimentos, dois salões e dependências administrativas. Um tapete lilás cobre o piso do primeiro pavimento. O segundo pavimento tem um tapete preto, que dá um ar solene ao ambiente. Sob uma luz tênue, o vitral de Marianne Perretti, completa a harmonia do local, que serve de morada dos deuses da história política brasileira. Sombrio, o grande pássaro da liberdade, conforme é chamada a obra de Niemeyer, é mais um lugar de reflexão, assim como o Memorial JK. Os vitrais de Perretti, estão em praticamente todos os conjuntos arquitetônicos de Brasília, desde os anos 60.

Para ela, a obra do Panteão, foi um “trabalho gigantesco”. Só para a produção do desenho ela gastou 22 dias, partindo de estudos colhidos por Niemeyer. A artista lembra que o trabalho foi feito em equipe, já que 20 artesãos de Recife fabricaram as nervuras de ferro e mais 20 pes-

soas da firma Fichet, de São Paulo, confeccionaram as vigas. Os vidros, nas tonalidades roxo e vermelho, foram criados pela Schott, na Alemanha.

Marianne Perretti, nasceu em Paris (mãe francesa, e pai recifense), e seu trabalho no Panteão já está sendo considerado pela comunidade artística internacional como a maior obra do gênero no mundo. Ao todo, são 16 toneladas de vigas de aço, duas toneladas de nervuras de ferro que sustentam os vidros produzidos na Alemanha. Os vidros têm entre quatro e cinco centímetros de espessura. Na parte externa do monumento, o pássaro e as vigas foram feitas do mesmo material, em bronze.

A obra de Athos Bulcão, que compõe o conjunto artístico do Panteão é um módulo que se multiplica e se aglutina em três, formando um triângulo, que às vezes gira, conforme explicações do próprio autor. Bulcão afirma que sua criação é uma concepção geometro-abstrata ligada ao espaço arquitetônico, sem qualquer intenção simbólica.

Athos Bulcão é também um dos criadores de Brasília. Há 25 anos, ele fez um painel para o Congresso Nacional, o relevo do Teatro Nacional, os azulejos do batistério da Catedral, além de cerâmicas em todo o Plano Piloto. Bulcão diz que se sente sensibilizado por ter sido mais uma vez convocado por Niemeyer, para ajudá-lo a projetar outra obra em Brasília e, sob o signo da democracia novamente. Ele reafirma que a criação do monumento aos heróis da democracia é mais uma obra-prima de Oscar Niemeyer e que a mudança do mastro da Bandeira devolveu à Praça dos Três Poderes a sua “grandiosidade original”.

“Desde o princípio — diz Bulcão — fui contra a instalação do mastro naquele local porque se constitui numa agressão à harmonia e à escala entre o volume e o espaço daquele conjunto”. Ao seu ver, a praça, como foi concebida, é uma obra-prima da arquitetura do século XX, principalmente pela harmonia entre os prédios. O mastro — completa — interferiu nesse equilíbrio.

O Governador do Distrito Federal, José Aparecido, visitou ontem o Panteão da Liberdade da Democracia em companhia dos Ministros da Marinha, Almirante Henrique Sabóia, e do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves. O Governador explicou aos Ministros todos os detalhes da nova obra de Niemeyer e sua importância arquitetônica na Praça dos Três Poderes.